**UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO CMN**

**LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**PIBID 2018/2019: "DIREITO TEM, QUEM DIREITO ANDA"? MULHER: PROTAGONISTA DE SUA HISTÓRIA**

**Halberys Morais de Holanda****[[1]](#footnote-1)**

**Rafaela Lima de Souza[[2]](#footnote-2)**

**Janaína Guimarães F. da Silva[[3]](#footnote-3)**

**Resumo**

O presente artigo tratará sobre duas temáticas trabalhadas no PIBID de História durante o ano de 2018 e 2019: Direitos Humanos e o Silenciamento e Exclusão da Mulher na Historiografia. Apresentando um pouco das vivências estabelecidas dentro e fora da sala de aula. Olhando para as duas temáticas e identificando percepções diferentes entre os sujeitos, mas fazendo entender seus locais de fala, situações postas e relacionando seus conhecimentos e vivências almejando com os diálogos formados fazer ir além dos muros da escola, chegando às casas, amigos, parentes, funcionários da escola.

Palavras-chaves: Pibid, Direitos Humanos, e Exclusão da Mulher.

**INTRODUÇÃO**

Observando a Constituição da Republica Federativa do Brasil instituída em 1988 nos Art. 1º, 3º e 4º o Estado se responsabiliza em garantir cidadania e dignidade da pessoa humana; erradicar a pobreza, a marginalização, reduzir as desigualdades sociais e regionais; e, prevalência dos direitos humanos. Tomando como referência o que a constituição nos fornece, o PIBID no segundo semestre de 2018 trabalhou na escola Erem Don Vieira com o tema dos Direitos Humanos e buscou entender o que as/os alunas(os) compreendiam, tonando-os conhecedores do assunto e aprimorando a(s) visão(ões) que possuíam.

No ano de 2019, tem como proposta a exclusão da mulher na historiografia, discutindo os silenciamentos que ao longo da história foram cometidos. Ainda que

saibamos que muitas mulheres foram protagonista da história e são até os dias de hoje. Mostrando suas histórias, feitos e representatividade. A ideia inicial é do lugar da mulher associado à atividades domésticas, na competência de cuidar dos filhos e serviços da casa. Mas ao longo do tempo vamos percebendo as mudanças suscitadas pela luta feminina, em busca da equidade de gênero, como conquistas ao voto e a salários com as mesmas proporções. Mostrando suas vozes, participação e presença na sociedade.

**DIREITOS HUMANOS E SEUS DESDOBRAMENTOS**

"Direito tem, quem direito anda"?

Andar é um verbo de ação que designa passos um após o outro. Consequentemente, a sociedade construiu um olhar sobre passos corretos e incorretos. Levando a crença de práticas que induzem ir por esses caminhos, em que encontramos uma série de construções culturais, históricas e sociais. Podemos perceber estas construções quando John Locke fala sobre a propriedade da terra, quando o homem disse “está terra é minha", constituindo o sentido de posse. É através deste exemplo, que também podemos fazer conexão com a pergunta inicial, quando olhamos para questão do direito, quem permite ou adverte alguém possuir ou não. A partir desta pergunta criam-se diversos contextos que precisam ser analisados fora e dentro da sala de aula e que ao longo do segundo semestre de 2018, realizou-se com o PIBID na escola Erem Don Vieira. Estudar Direitos Humanos é significar sentidos e esferas sociais que cotidianamente estão a todo o momento sendo vivenciados ou retirados das pessoas. E o que acontece? O que pode ser feito? Atrelado a estas questões, um local instaura-se como centro de reprodução desses direitos ou do conhecimento daqueles que não conhecem e que necessita expandi-lo: a escola. Este espaço possui ferramentas importantes para os dispositivos multiplicadores do conhecimento. Compreendemos que através da interdisciplinaridade é possível que haja estás trocas tão importantes, mas, também é preciso ficar a tento a realidade que cada escola e aluno possuí.

A constituição federal assegura o direito a todos, mas porque não são resguardados?

Para esta análise é preciso perceber o que se concebia antes da constituição e o que se formou depois de suas diretrizes. Principalmente, pelo pensamento cultural que foi perpetuado entre os cidadãos. Questão está em que se tem um grande embate em poder desconstruir certos conceitos cristalizados no seio da sociedade. O período da Monarquia no Brasil é marcado por grandes revoltas e insurreições em prol de uma liberdade e conquista de direitos, são inúmeras as

tentativas que ocorreram. Depois de todo o período atribulado da Monarquia e com a sua queda definitiva e a instauração da República, vamos perceber algumas mudanças, que José Murilo de Carvalho vai dizer que o povo assistiu "bestializado"[[4]](#footnote-4). (Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi. 1987). E que durante esta transição os rituais de passagens, nascimento, casamento e morte também vão sofrer alterações. Embora, tenha-se modificado o sistema monárquico e os laços com coroa portuguesa cortados com a sua soberania, continua os direitos reservados para poucos da população, mulheres, escravos e negros não participavam das eleições. O que apresenta que a população não havia um sentido de nação, mas sim um grande "mosaico dividido por regiões".

Diante disso, temos a Constituição Federal de 1988 em que são assegurados pela constituição pilares político-sociais, como: educação, cultura, moradia, alimentação, cuidado com os direitos da infância, da adolescência e do idoso. Regulamentados com diretrizes que todos os cidadãos perante a lei, são dignos de receber estes serviços, não havendo distinções. Só que é dentro está problemática que encontramos divergências.

Bebida é água!

Comida é pasto!

Você tem sede de que?

Você tem fome de que?...

A gente não quer só comida

A gente quer comida

Diversão e arte

A gente não quer só comida

A gente quer saída

Para qualquer parte...

A gente não quer só comida

A gente quer bebida

Diversão, balé

A gente não quer só comida

A gente quer a vida

Como a vida quer…

( Comida, Titãs. Apud Caderno de orientações pedagógicas para a educação em direitos humanos,p15,2012)

A música de titãs explícita bem que o povo não quer só ter direito a alimentação, mas que também almeja alcançar outros direitos e prazeres para sua vida. Que no entanto, no caderno de "Orientações Pedagógicas para a educação em Direitos Humanos", nos dá o subsídio para entender a relação da educação com os direitos humanos. E uma ferramenta integradora faz papel fundamental neste processo: a interdisciplinaridade. O caderno é dividido em oito tópicos trazendo

reflexões de pautas no que justamente discutimos sobre a constituição e elencamos abaixo os assuntos que são desenvolvidos.

Eixo temático 1: Enfrentamento da pobreza e da fome;

• Eixo temático 2: Promoção da igualdade entre gêneros e diversidade sexual;

• Eixo temático 3: Garantia da sustentabilidade socioambiental;

• Eixo temático 4: Reconhecimento e garantia da preservação do patrimônio

material e imaterial da humanidade;

• Eixo temático 5: O direito à terra como condição de vida;

• Eixo temático 6: Prática pedagógica e as relações étnico-raciais na sociedade brasileira;

• Eixo temático 7: Garantia do bem estar físico, emocional e social;

• Eixo temático 8: Os tempos humanos e as garantias dos direitos.

(Caderno de Orientações Pedagógicas para a Educação em Direitos Humanos. coordenação pedagógica do caderno Luciano Carlos Mendes de Freitas Filho. 2012)

Os oito eixos constituem fortes pontos de análises que necessitam ser sempre revisitadas e experenciadas. E como antes falamos, a interdisciplinaridade constitui papel importantíssimo para o desenvolvimento na sala de aula. O professor recorrer a novas tecnologias e resignificar as práticas e modelos utilizadas. Não dispensando a experiência que a sala de aula fornece, mas incrementando novas ferramentas que dialoguem com as realidades dos discentes e os aproximem dos conteúdos estudados.

Se o mundo, a família, os modelos mudaram, faz-se necessário uma nova prática escolar, que atualize e valorize a própria escola e os que nela estão. Considerar as questões trazidas pelas crianças e jovens dos ensinos fundamental e médio, como questões menores, significa reduzir suas preocupações e sua própria existência. O mundo deles e o nosso têm questões que não são menores dos que as apresentadas em outras épocas por outros pensadores. São diferentes. Não permitir que os temas do cotidiano se façam presentes em sala de aula em detrimento dos grandes feitos do passado, é ignorar a angústia dos alunos e educar com o olho voltado para trás, com um saudosismo injustificável que significa dizer que as questões de outras gerações foram mais importantes que as da atualidade. (NETO,p.64-65, 2013)

É neste quesito de propostas e atividades que o projeto do PIBID nos seis primeiros meses de atividades em 2018, voltou-se a falar a cerca dos direitos humanos e seus desdobramentos. Analisando a cada oficina proposta a interação com os alunos, visando apresentar os direitos humanos e com os diálogos formados fazer ir além dos muros da escola, chegando às casas, amigos, parentes, funcionários da escola.

Com o primeiro contato feito, entrevistas com funcionários e gestão pedagógica, o que faltava era conhecer as (os) alunas(os), suas necessidades, pensamentos e dificuldades. Então, a primeira oficina realizada com a turma do segundo ano B, iniciou através de duas músicas: "Cota não é esmola" de Bia Ferreira e "Chega" de Gabriel Pensador. Percebemos uma boa interação dos alunos em ambas as músicas, com o debate ao final da oficina, ocorrendo testemunho de situações que já sofreram com o racismo, as diferenças que eles viam nas suas vidas diariamente. Por fim, utilizamos o vídeo da mãe do adolescente Marcus Vinicius de catorze anos que foi assassinado na comunidade da Maré no Rio de Janeiro numa ação da polícia militar[[5]](#footnote-5). No vídeo pudemos conversar sobre as realidades que cercam Nazaré da Mata e a crescente onda de violência no Estado de Pernambuco. E que para nossa base teórica nos firmamos no texto "A Invenção dos Direitos Humanos", cuja autoria é de Lynn Hurt, em que traz uma reflexão muito interessante sobre o início do existir este direito, com suas causas e ações.

Seguindo com as propostas de intervenções na escola, recorremos ao documentário de Lima Barreto, onde fala de sua vida e obra, decorrendo sobre o racismo sofrido no qual dificultou sua obra ser reconhecida, só conseguindo obter a notoriedade que sua vasta obra possui, muitos anos depois. E mais uma vezes ao fim da atividade tivemos relatos sendo apresentados pela turma sobre algum racismo sofrido ou com situações vividas por amigos e familiares.

Um texto que trouxemos para discutir com os alunos foi Mineirinho de Clarice Lispector, os diálogos pairavam sobre o discurso “ bandido bom é bandido morto”, frase repetida pela sociedade e que com a proposta do PIBID pudemos conversar sobre esta concepção formada e o texto nos deu subsídio para retratar está situação, estabelecendo as pontes para entender a razão de se cultuar este pensamento e com o diálogo poder levar a reflexão, trazendo à tona questões sobre a situação política,econômica e social do país. Sobre este contexto, Solange Martins Oliveira Magalhães traz o sentido de "afetar" em seu texto "Afetar e sensibilizar na educação: uma proposta transdisciplinar", em que nos mostra o quão é necessário uma educação afetuosa e sensibilizadora.

O programa para iniciação a docência ele possui uma importância grandiosa no quadro acadêmico e institucional, pois permite ao aluno dar os primeiros passos que sucederão após concluir o curso. Tornando-se este momento de bastante aprendizado, haja vista, o contato semanalmente com a escola e as propostas realizadas. A realização do programa com o período que foi estabelecido para tratar do tema dos direitos humanos, acreditamos ser muito acertivo, pois cada aluno possui realidades diferentes, mas os direitos que todos possuem ali foram discutidos, se questionou, pôde elucidar dúvidas, existiu ideias para haver mudanças dentro da própria escola. Chegar ao final do ano e poder conversar com todos os participantes e ouvir os relatos das experiências que cada um viveu, como por exemplo “ vocês me ajudaram a fazer uma redação para o Enade”. Isto é de muito

significado, um fruto que foi gerado e certifica-se que o PIBID está cumprindo seu papel. Até agora falamos do direito de uma forma geral, discutindo os problemas, vendo na prática a interação com os alunos, mas atrelado a todos estes direitos, onde estão as mulheres e suas histórias ou são a-históricas e sem participação na vida cotidiana, histórica e cultural?

**MULHERES: HISTÓRIAS, LUTAS E CONQUISTAS.**

A história das mulheres é algo que foi excluído do processo histórico, as relações de poder foram fundamentais para este fato. Vamos ter várias discussões sobre o feminino, a visão que a igreja possuía, as concepções de que a mulher estava ligada a algo diabólico, causando um afastamento da sua presença e voz dentro das sociedades. Com isso, vamos ter uma mudança no século XX quando questionamentos são feitos e a partir daí vamos perceber que não dá mais para permanecer no mesmo local de fala, surgindo vários pensamentos, dentre eles o de Michelle Perrot, que fala sobre os motivos da exclusão da mulher na historiografia, evidenciando os campos de atuação de cada um e seus locais divididos.

O oficio de historiador é um ofício de homens que escrevem a história no masculino. Os campos que abordam são os da ação e do poder masculinos, mesmo quando anexam novos territórios. Econômica, a história ignora a mulher improdutiva. Social, ela privilegia as classes e negligencia os sexos. Cultural ou 'mental", ela fala do Homem em geral, tão assexuado quanto a humanidade .( PERROT. Michelle. Os excluídos da história, p. 185, 1992.)

Diante deste cenário de exclusão, nos detemos a analisar o livro didático utilizado pelos alunos da Escola Don Vieira, percebendo a ausência das mulheres e principalmente das mulheres negras nos assuntos que são abordados no livro de História. Está questão vem em virtude de uma escrita que sempre foi feita por homens, muitos deles brancos, cujas visões priorizavam o colonizador colocando-o em destaque e não olhava com a mesma atenção para os outros sujeitos constituintes desta mesma sociedade. O que terminou não apresentando as mulheres que influenciaram tanto quanto os homens nos assuntos para o que viriam a ser a construção deste país.

As mulheres possuem e possuíam muita participação na sociedade, porém eram excluídas das reuniões, atividades e decisões. Os locais que as encontramos muitas vezes ao longo do livro é nas atividades de serviços domésticos, cuidando dos filhos dos senhores de engenhos, nas lavouras e cafezais. Atividades estás, que as retiravam de qualquer ambiente político e social, suas vozes sendo silenciadas e esquecidas.

A história tem uma grande responsabilidade com a sociedade, a de trazer fatos, discussões e debates, a de dar o poder de analise do que vivemos hoje e do que se tinha no passado. Com ela temos a oportunidade de conhecer o antes, e

como ele se dava em diferentes aspectos. Entretanto, se a disciplina possui um déficit, podemos dizer que esse déficit esta relacionado às minorias, dentre elas a história das mulheres, que é contada, a partir da divisão entre, as atividades que homens e mulheres realizam na sociedade. Desse modo, as relações de Gênero possuem relação com esse fato, tendo em vista que o gênero é o que constitui as relações entre os sexos e seus valores na sociedade, onde normalmente o homem é

o detentor de poder, o líder, e a mulher é a figura responsável por manter uma boa imagem, e cuidar da família. Contudo, essas concepções só são reproduzidas se continuarem a ser perpetuadas, aceitas e não questionadas na sociedade.

Há muito tempo que temos uma história que valoriza o lado do colonizador, do homem branco e rico, o individuo que conquista tudo que almeja. A figura masculina é sempre posta como personagem principal da história. Enquanto que a mulher não esta presente nos livros, ou quando esta, sua imagem é associada a tarefas domesticas, nunca apresentada como uma guerreira, uma grande monarca ou uma figura que exercia liderança, fazendo parecer que mulheres nunca fizeram ou participaram da história, quando foram elas personagens importantes em todos os momentos.

A história posterior é escrita como se essas posições normativas fossem o produto de um consenso social e não de um conflito. Um exemplo desse tipo de história é fornecido pelo tratamento da ideologia vitoriana da mulher no lar como se ela fosse criada num bloco só, como se ela só tivesse sido colocada em questão posteriormente, enquanto que ela foi tema permanente [...]( SCOTT.1995.P.21-22)

Essa definição do masculino e do feminino e a naturalização desses lugares, só se torna possível por que existem ferramentas e diretrizes que difundem esses ideais. Os livros didáticos que são uma ferramenta na sala de aula, por vezes são mal elaborados, e desse modo, acabam contribuindo com a construção de ideias retrogradas que colocam a mulher em papeis estereotipados e contribui para a consolidação de uma imagem do “feminino”, as crenças religiosas, e até mesmo o nossa cultura traz consigo o ideal do que é ser mulher e do que é ser homem, e quais as funções de cada figura na sociedade. E é devido a esses e outros motivos que se torna necessário trabalhar a história das mulheres em sala de aula. Tendo em vista que debater sobre a história da mulher e analisar o tema a partir de diversos pontos de vista nos fornece o gancho de levar para o ambiente escolar temáticas como o machismo, feminicídio, misoginia, e feminismo. E a partir desses debates desconstruir, levar informações e atividades a fim de fornecer material e embasamento para que os alunos tenham um olhar mais critico sobre todo produto que consomem. E, além disso, que os discentes possam conhecer outro lado da história, que é quase inexistente nos livros didáticos, a história da mulher.

Nesses livros naturalmente encontramos pequenos trechos que falam sobre as mulheres, e na maioria deles a figura feminina é colocada como dona de casa, uma figura que não trabalha e apenas cuida dos filhos e do lar, quando as mulheres sempre trabalharam. Na obra história das mulheres escrita por Michelle Perrot, a autora explica em um dos capítulos a relação entre a mulher e o ambiente de trabalho ao longo da história.

As mulheres sempre trabalharam. Seu trabalho era de ordem domestico, de reprodução, não valorizado, não remunerado. As sociedades jamais poderiam ter vivido ter se reproduzido e desenvolvido sem o trabalho domestico das mulheres, que é invisível. Nem sempre as mulheres exerceram ofícios reconhecidos, que trouxessem remuneração. Não passavam de ajudantes de seus maridos, no artesanato, na feira, ou na loja. (PERROT.2007.P.109)

Na França no período anterior a segunda guerra mundial, encontramos muitas camponesas que possuíam trabalhos do dia a dia rural, contudo, não podemos esquecer que a mulher era a peça chave para fazer tudo fluir, pois era a figura feminina a responsável por tomar conta da casa e dos filhos, por cuida dos animais, realizar a colheita, e por vezes era responsável de ir até a feira vender seus produtos. Entretanto, com o passar dos anos e o advir da guerra, essas mulheres passam a sair dos campos e tomar o lugar dos homens que estão em combate nos conflitos. Nesse período, a figura feminina começa a assumir o controle dos negócios de seus maridos, seja a fazenda ou até mesmo o comercio. E assim as mulheres passam a ter um pouco mais de autonomia, e as relações entre homens e mulheres começam a sofrer pequenas mudanças, entretanto, o espaço conquistado por elas no trabalho só foi possível após muita resistência, pois os empregos oferecidos para mulheres na sociedade estavam relacionadas às “características” femininas, como por exemplo, a profissão de educadora ou enfermeira, visto que uma característica tida como tipicamente feminina era o “dom” de cuidar.

Por outro lado se pensarmos na perspectiva da história da mulher negra, veremos que muito antes da mulher branca de classe media começar a lutar para ter seu direito de trabalhar e assim ser independente, a mulher negra já estava na rua em busca de trabalho há muito mais tempo, e as profissões preenchidas por elas eram cargos ligados a atividades domesticas, como por exemplo, o de empregada.

[...] Nas comunidades negras, tanto nos estados unidos quanto no Brasil, em um contexto de poucas oportunidades profissionais e de grandes dificuldades financeiras, existia um sentimento de proteção da família e da valorização da maternidade. Precisamos ter em mente que politicas de controle de natalidade e de esterilização afetaram mais diretamente as mulheres negras. Assim, enquanto as militantes brancas reivindicavam a plena posse do seu corpo, a independência financeira, as questões ligadas a gravidez, ao aborto e, até mesmo, mais recentemente, ao amor lésbico, as negras estavam preocupadas com a manutenção de suas famílias, com o direito reprodutivo, com a mortalidade infantil, com a violência e com a pobreza. (FERNANDES.2016.P.698)

Desse modo, enquanto a mulher branca ainda estava pensando em liberta-se das amarras de uma sociedade patriarcal, a mulher negra estava trabalhando por salários pequenos em empregos totalmente exploratórios, para conseguir alimentar sua família. Na atualidade, essa realidade onde a mulher negra ainda esta nas margens da sociedade infelizmente ainda se faz presente, e é com base nisso que há a necessidade de se defender um feminismo que defenda uma vida segura e tranquila para todos, e não apenas para a elite feminina que apoia-se nas mulheres

de classes mais baixas para defender seu feminismo, que só é possível por que há outra mulher de classe inferior para arcar com as responsabilidades ditas como “femininas”, para que a chefe siga militando. É necessário um feminismo que abarque a mulher negra favelada, mãe solteira que todos os dias realiza uma rotina extremamente cansativa para poder alimentar seus filhos. Para a mãe que perdeu um filho durante um conflito por bala perdida, para a mulher indígena que morreu ou feriu-se lutando contra a invasão e exploração ilegal de sua terra, é necessário que o feminismo proteja e defenda a vida de todos.

O feminismo que nos interessa é feminismo compromissado com o direito a vida, com o bem viver, com a liberdade caracterizada pela responsabilidade com o outro e com a natureza. Porque nem todo feminismo serve a todas as mulheres, a humanidade, ao planeta. Precisamos avançar contra o feminismo do 1% que detém mais da metade da riqueza desse mundo as custas da exploração e da opressão da maioria. (ARUZZA;FRASER;BHATTACHARYA.2019.P.20)

Levar esses temas e essas discussões para a sala de aula é de extrema importância, pois é a partir do debate desses temas e desses conceitos que conseguimos desconstruir ideias machistas e levar para os alunos mais informação sobre esses assuntos. Trabalhar a ideia dos feminismos, tendo em vista que são múltiplos, é de extrema importância, considerando que por vezes o feminismo é entendido como um movimento no qual todas as mulheres possuem as mesmas condições, ou seja, possuem uma realidade igual, quando na verdade isso não acontece.

E estudar sobre a história da mulher, fornecer informações que desconstroem a ideia de que as mulheres brancas e negras possuem condições iguais. Além disso, levar para sala de aula personalidades de mulheres negras ao longo da história fornece aos alunos um novo olhar, uma nova perspectiva, onde a mulher negra é incluída e sua história é contada a partir de outros moldes, modificando o pensamento de que a mulher negra no passado estava apenas relacionada à escravidão, aos serviços que eram obrigadas a realizar, ou até mesmo a sua relação com alguma figura masculina, como é o caso de Dandara que representou grande resistência frente à escravidão, e que inclusive criava estratégias de defesa para o quilombo dos palmares, por vezes é apenas caracterizada como esposa de Zumbi.

A partir dessa ideia, levamos nas oficinas do PIBID a história de mulheres negras, dentre elas a primeira romancista Maria Firmina, a educadora e Jornalista responsável por criar um curso para analfabetos gratuito, e que já no século XX possuía ideais feministas, Antonieta de Barros. Essas personalidades femininas normalmente são ignoradas pelos autores de livros didáticos, quando deveriam inclui-las na história, mostrando outra perspectiva.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em ambos os temas podemos ver como o processo de ensino-aprendizagem pode ser dinâmico, construído a partir das aulas e atividades propostas. Ver ambas as percepções dos direitos humanos e do silenciamento e exclusão das mulheres trabalhadas na escola, é perceber que eles estão conectados e não dissociados. Possibilitando descobertas e (dês) construções. Fornecendo material para que as alunas se reconheçam como protagonistas de suas próprias histórias, seu corpo suas regras, tenham ciência dos seus direitos e possam quando algum ato de assédio acontecer, não se intimidar e poder falar para o homem que a desrespeitou que ele não tem propriedade sobre seu corpo.

O PIBID em 2018 e 2019 pôde apresentar uma parte da história que não é contada nos livros didáticos, debatendo com os alunos sobre os direitos inerentes a todas as pessoas e focando num tema que precisa ser mais notado, a história das mulheres. Se a história tivesse sido escrita pelas mulheres, poderíamos ver hoje a história sendo retratada de uma maneira diferente da que hoje conhecemos, contemplando envolvidas e envolvidos nos acontecimentos históricos.

**REFERÊNCIAS**

FREITAS NETO, José Alves. **A transversalidade e o ensino de História**. In: KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

HUNT, LYNN. **Torrente de emoções: lendo romances e imaginando a igualdade**. In: *A invenção dos Direitos Humanos:* uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GONÇALVES, Nadia Gaiofatto.Monteiro. COSTA, Ana Maria Ferreira. **Saberes e práticas docentes e ensino de história: temas, conceitos e referenciais** (1970-2014). Educação em Revista|Belo Horizonte|n.33|e156257|2017. Acesso em: 10/10/2019

MAGALHÃES, Solange Martins Oliveira. **Afetar e sensibilizar** **na educação: uma proposta transdisciplinar**. Linhas Críticas, Brasília, DF, v. 17, n. 32, p. 163-181, jan./abr. 2011. Acesso em : 10/10/2019

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação. **Caderno de orientações pedagógicas para a educação em direitos humanos** : rede estadual de ensino de Pernambuco / Secretaria de Educação ; colaboradores Andréa Íris Maciel Cardim ... [et al.] ; coordenação pedagógica do caderno Luciano Carlos Mendes de Freitas Filho ... [et al.]. – Recife : A Secretaria, 2012. 160p. : il.

PERROT,Michelle. **Minha história das mulheres.** São Paulo:Contexto.2007.

SCOTT,Joan. Gênero: uma categoria útil para analise histórica. **Educação e realidade.** V.15,n.2.(71-99).1995.

ARRUZZA,Cinzia; FRASER, Nancy ;BHATTACHARYA,Tithi. **Feminismo para os 99% um manifesto.** Ed.1. São Paulo: Boitempo,2019.

FERNANDES, Danubia de Andrade. O gênero negro: apontamentos sobre gênero, feminismo e negritude. **Estudos Feministas**. V.24,N.3. (691-713). 2016.

PAIXÃO,Marcelo;GOMES,Flavio. Histórias das diferenças e das desigualdades revisitadas: notas sobre gênero, escravidão, raça e pós-emancipação. **Estudos Feministas.** V.16,n.3. P.949-964.2008.

VIANNA,Claudia Pereira. **O sexo e o gênero na docência**. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644555>. Acesso em: 17 de outubro de 2019.

1. Graduando do 4° Período em História na UPE Mata Norte. Bolsista PIBID- CAPES. Email: halberys.123@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Graduanda do 4° Período em História na UPE Mata Norte. Bolsista PIBID- CAPES. Email: Rafaelalimadsouza@gmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. Prof.ª Dra adjunta da Universidade de Pernambuco, campus Mata Norte em Nazaré da Mata. Email: guimaraes.janaina@gmail.com [↑](#footnote-ref-3)
4. Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi / José Murilo de Carvalho. - São Paulo : Companhia das Letras. 1987. [↑](#footnote-ref-4)
5. https://youtu.be/aCr5K48UIf0 [↑](#footnote-ref-5)